



ANA PAULA CARVALHO DOS SANTOS

**A INCLUSÃO DO ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN NO ENSINO
REGULAR**

São Lourenço

2020



ANA PAULA CARVALHO DOS SANTOS

**A INCLUSÃO DO ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN NO ENSINO
REGULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito para
obtenção do grau de Licenciado ao curso
de Graduação em Pedagogia.

Orientador: Professor Alfredo Carnevalli
Motta

São Lourenço

2020



ANA PAULA CARVALHO DOS SANTOS

Banca examinadora

Professor – Orientador Alfredo Carnevalli Motta

Prof. _____
(titulação)

Prof. _____
(titulação)

RESULTADO: _____

São Lourenço, __/__/__.

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar agradeço á Deus, pois ele não me deixou falhar em nenhum momento, me sustentou e esteve presente em todos os momentos enxugando minhas lágrimas e acalmando meu coração, tornando-me cada dia mais forte e hoje minha vitória devo a ele. Também agradeço de coração aos professores do Grupo Unis, aos meus amigos do curso de Pedagogia. Meu enorme carinho por vocês. Agradeço ao meu orientador Professor Alfredo Carnevalli Motta por ter me ajudado, compartilhando todo o seu conhecimento e, me dado o apoio necessário, por sua paciência e incentivo muito obrigada!

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado primeiramente a minha Família que durante esses três anos me apoiaram e colaboraram para realização deste estudo, e por todos aqueles que lutam por uma educação de valores com igualdade. E principalmente às crianças que são a esperança de um futuro melhor.

“A escola tem que ser esse lugar em que as crianças têm a oportunidade de serem elas mesmas e onde as diferenças não são escondidas, mas destacadas”. Mantoan

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo de analisar a Inclusão do aluno com Síndrome de Down no Ensino Regular. Muito se tem falado sobre a Educação Inclusiva, e dentro desta modalidade escolar, um assunto que desperta o interesse de analisar e compreender os conceitos é a Síndrome de Down. A Síndrome de Down não é uma doença, mas sim uma condição irregular á pessoa, uma alteração genética, que não impossibilita a pessoa a se desenvolver. Entretanto, como essa condição está associada em algumas questões de saúde e devem ser observadas ao nascimento da criança e acompanhamento por profissionais. Portanto, cada pessoa tem seu modo de interagir, tempo, evolução conforme suas necessidades. Pessoas com Síndrome de Down são mais semelhantes do que diferenças. A instituição Escolar é o ambiente ideal para se construir e transmitir conhecimentos, cidadania e cultura, o que falta são profissionais e materiais pedagógicos. Neste sentido, o trabalho tem a finalidade de pesquisar o desenvolvimento dos alunos com alteração genética na vida escolar. A Constituição Federal assegura que todos os cidadãos, sem distinção de crenças, cor, raça, o direto à educação, inclusive às pessoas com deficiências, neste caso, tratado neste trabalho a Síndrome Down, percebe-se o quanto são incluídos no ensino regular, mesmo assim, não significa que todos que estão adentrando dentro das escolas recebem atendimento adequado às suas necessidades, que sejam bem recebidos. Isto talvez ocorra pela falta de estrutura física das instituições escolares, sem as devidas acessibilidades e inclusive despreparo dos Professores e falta de uma equipe multidisciplinar na escola como: Psicólogos, Psiquiatras, Terapeutas Ocupacionais, Fisioterapeutas, Psicopedagogos e Fonoaudiólogos, que possam acompanhar os alunos com Síndrome de Down para que sejam incluídos e que possam orientar os educadores. É de grande importância que pessoas com Síndrome Down sejam incluídas na sociedade, não por uma garantia legal, mas sim por questões de humanidade, pois que dentro de suas possibilidades são capazes de demonstrar carinho, amor, aprender e se interagir com as pessoas ditas “normais”. Também se faz necessário promover conhecimento as famílias, aos educadores e a sociedade como são os portadores de Síndrome de Down, de como podem lidar e acabar com esses preconceitos em relações a elas como seres improdutíveis e incapazes.

Palavras- chave: Educação; Síndrome de Down; Preconceitos; Profissionais, Acessibilidades.

ABSTRACT

This study aims to analyze the inclusion of students with Down syndrome in regular education. Much has been said about Inclusive Education, and within this school modality, a subject that arouses the interest of analyzing and understanding the concepts is Down syndrome. Down syndrome is not a disease, but a genetic disorder, which does not prevent the person from developing. However, as this condition is associated with some health issues it must be observed at the birth and monitored by professionals. Therefore, each person has their own way of interacting, time, and evolution according to their needs. People with Down syndrome are more similar than different from us. The school is the ideal environment to build and diffuse knowledge, social responsibility and culture, what is missing are professionals and teaching materials. In this sense, the work aims to research the development of students with genetic alteration in school life. The Federal Constitution ensures that all citizens, without distinction of beliefs, color and race have the right to education, including people with disabilities, in this case, Down syndrome. Even so, it does not mean that the needs of everyone who is entering the schools are met. This may occur due to the lack of physical structure of the schools, without the proper accessibility and even lack of preparation of the teachers and a multidisciplinary team consisting of: Psychologists, Psychiatrists, Occupational Therapists, Physiotherapists, Psychopedagogues and Speech Therapists, who can accompany students with Down syndrome so that they are included and that can guide educators. It is of great importance that people with Down syndrome are included in society, not only because of a legal guarantee, but because of humanity, because within their possibilities they are able to show affection, love, learn and interact with the people considered "normal". It is also necessary to promote knowledge for families, and how they can deal with and end these prejudices against people with Down syndrome, regarding to them being unproductive and incapable beings.

Keywords: Education; Down's syndrome; Prejudices; Professionals, Accessibility.

METODOLOGIA

Para realizar o trabalho acerca da Inclusão do Aluno com Síndrome de Down no Ensino Regular, fez-se uma abordagem qualitativa descritiva de revisão bibliográfica. Assim, livros de acervos de bibliotecas e endereços eletrônicos que embasaram a pesquisa.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| <u>Agradecimentos</u> | 4 |
| <u>Dedicatória</u> | 5 |
| Resumo | 7 |
| <u>Abstract</u> | 8 |
| <u>Metodologia</u> | 9 |
| <u>Sumário</u> | 10 |
| Introdução | 11 |
| 1. <u>Referencial Teórico</u> | 13 |
| 1.1- <u>A Escola e Inclusão</u> | 14 |
| 1.2- <u>Os Desafios da Formação e a Atuação Docente em Sala de Aula</u> | 16 |
| 2. <u>Síndrome de Down.....</u> | <u>19</u> |
| 2.1. <u>A Inclusão Escolar do Aluno com Síndrome de Down.....</u> | <u>21</u> |
| | |
| <u>3.CONCLUSÃO.....</u> | <u>24</u> |
| <u>4. REFERÊNCIAS.....</u> | <u>25</u> |
| <u>5. ANEXOS.....</u> | <u>26</u> |

INTRODUÇÃO

O trabalho tem como tema a Inclusão do Aluno Com Síndrome Down no Ensino Regular. A escola é um espaço público no qual grande parte dos alunos passam seus tempos, é um dos lugares que permitem e produzem a socialização e a aprendizagem. As estruturas físicas das escolas, assim como suas organizações, manutenções e segurança revelam muito sobre a vida que ali se desenvolvem e sobre as possibilidades de uso de seus vários espaços para mediar e auxiliarem o processo de ensino aprendizagem.

A metodologia empregada envolveu a pesquisa documental e em livros especializados que abordam a Inclusão de Alunos com Síndrome Down no Ensino Regular, e como os espaços físicos da escola podem contribuir para se tornar mais prazeroso o processo de aprendizagem.

A escola deve ser organizada de forma que contribua para a aprendizagem, para que possa incluir os alunos com necessidades especiais, que em nosso caso são os portadores de Síndrome Down.

Considerando a importância da organização e planejamento dos espaços escolares e suas relevâncias para o processo da aprendizagem dos alunos portadores de necessidades especiais. É importante ressaltar, se o espaço escolar tem condições necessárias para receber alunos com necessidades especiais, se o educador tem habilidade e competência para desenvolver um trabalho que visa a uma aprendizagem de qualidade, um atendimento especializado e apropriado aos alunos com necessidades especiais.

O trabalho objetiva também como está o papel do educador diante desses desafios, que se refere à escola para todos, preparando os alunos ditos “normais” para viver com as diversidades e que somos todos iguais perante as diferenças.

A pesquisa busca, através de análise bibliográfica, ressaltar A inclusão do aluno com Síndrome de down no ensino regular, e mostrar que o processo de inclusão

necessita de vários ajustes para que os alunos portadores de necessidades especiais se desenvolvam integralmente e assim possam ser inseridos também na sociedade.

A escolha do tema se deu através de uma experiência vivida no decorrer do estágio supervisionado, onde as contradições de alegria e tristezas, dores e prazeres acontecem. Por isso, estudar e investigar mais sobre o tema foi importante para mostrar que o aluno com síndrome de down, necessita de paciência, para então que a contribuição para aprendizagem e o desenvolvimento dos portadores de síndrome de down, pois é através de uma escola de boa qualidade onde a autoestima da gestão até as crianças contribuem emocionalmente para que os pequenos enfrentem qualquer dificuldade que poderá ter nesse processo de inclusão. Porém muitas escolas se preocupam somente com o aprendizado e se esquecem do desenvolvimento e as habilidades das crianças. Não devemos pensar que a escola é somente o lugar para brincadeiras e onde os pais deixam seus filhos enquanto trabalham. Sendo assim, o professor é ponte neste grande processo de inclusão, é um período de grande valor, pois através da inclusão que vemos muitos alunos se adaptarem com o diferente, socializar com todos sem exclusão.

Foram utilizadas as ideias e concepções de autores como: Aranha (2001), Assumpção (1990), Fonseca (1987), Mantoan (2001, 2003), Martins (2011), Schwartzman (1999), Stratifort (1997), Voivodic (2008), Vygotsky (1994).

O trabalho está estruturado da seguinte forma: No primeiro capítulo nosso trabalho analisa A Escola e Inclusão, pois a educação evolui e tem seu papel fundamental, possuindo um espaço que favorece a todos os cidadãos acesso ao conhecimento e desenvolvimento, e dos Desafios enfrentados pelos professores em sala de aula, pois a educação inclusiva tem sido um grande desafio para os profissionais de educação, principalmente para os que trabalham com as séries iniciais. Para alguns professores é uma tarefa bastante desafiadora, pois precisam de habilidades básicas para que o processo de aprendizagem possa evoluir.

No segundo capítulo estudamos A Síndrome de Dow é uma anomalia causada pela existência de um cromossomo 21 que é encontrado em uma célula, contendo uma

ou mais em cada pessoa. A inclusão Escolar do aluno com Síndrome de Down, pois há uma necessidade de entender e reconhecer o outro, e assim, ter o privilégio de compartilhar e conviver com pessoas diferentes. A educação inclusiva acolhe todos, sem exceção, além da possibilidade de interação com o outro.

Assim, o trabalho apresenta-se relevante, pois, por meio dos estudos espera-se que possa provocar outras inquietações, novos estudos sobre a inclusão das crianças com necessidades especiais dentro da escola, promovendo um ambiente acolhedor, favorável para o desenvolvimento dos alunos.

1. REFERÊNCIAL TEÓRICO

1.1 – A Escola e Inclusão

A educação evolui e tem seu papel fundamental, pois possui um espaço que favorece a todos os cidadãos acesso ao conhecimento e desenvolvimento. Pois é na escola que os educandos têm acesso ao conhecimento e aos conteúdos curriculares, seu objetivo é o aprendizado para a formação crítica e cognitiva dos alunos. Porém a escola precisa se organizar e garantir uma boa qualidade de ensino de maneira a contribuir no processo de desenvolvimento dos alunos, desde a educação básica até o aluno chegar ao ensino superior, preparando para a sua formação.

Portanto, a escola tem que ser vista como espaço para todos, buscando alternativas para o acesso de todas as crianças e adolescentes. “A ideia de inclusão se fundamenta numa filosofia que reconhece e aceita a diversidade na vida em sociedade”. (ARANHA, 2001, p.2).

Inclusão é reconhecer o outro, é conviver e poder compartilhar com pessoas que são diferentes de nós. Esta ideia vem evoluindo e modificando através dos tempos. “A inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral”. (MANTOAN, 2003, p. 16).

Conforme a autora, a inclusão escolar trata de possibilitar e aprimorar cada dia mais, uma escola de ensino regular, beneficiando para auxiliar a todos os alunos com necessidade especiais.

“A Constituição, contudo, garante a educação para todos e isso significa que é para todos mesmo e, para atingir o pleno desenvolvimento humano e o preparo para a cidadania, entende-se que essa educação não pode se realizar em ambientes segregados”. (MANTOAN, 2003, p. 22).

De acordo com a autora, A educação é para todos, independentemente de raça, idade, 14 gênero, tipo de necessidades especiais, que a oportunidade de educação

é igualitária. Portanto a educação inclusiva é um grande desafio para sociedade e para a escola. O que esperamos é uma boa educação que garanta ao aluno dito “normal” e ao que tem necessidades especiais um conhecimento que possibilite a ele a participação na sociedade.

A Educação Especial destina-se aos portadores de necessidades educativas especiais, pois todas as pessoas que necessitam de métodos, procedimentos e recursos especiais durante o tempo escolar, indivíduos portadores de deficiência visual e auditiva, motora, cognitiva, doenças crônicas, autistas, transtornos de personalidades, psicoses, Síndrome de Down, inadaptação social entre outras, que a longo da história foram tratados como doentes.

Na antiguidade não havia respeito pelas pessoas portadoras de necessidades especiais, ao contrário, elas eram tratadas com total desrespeito, abandono independente de sua deficiência sendo ela física ou mental, e viviam em condições subumanas.

O modelo de inclusão tende a reconhecer que as mudanças sociais estão evoluindo a cada dia, portanto lidar com a diversidade e com as diferenças será um grande desafio tanto para a escola como para os educadores. Somos todos iguais, mas teremos que olhar com respeito às necessidades e as diferenças de cada um.

1.2 Os Desafios da Formação e da Atuação Docente em Sala de Aula.

A educação inclusiva tem sido um grande desafio para os profissionais de educação, principalmente para os que trabalham com as séries iniciais. Para alguns professores é uma tarefa bastante desafiadora, pois precisam de habilidades básicas para que o processo de aprendizagem possa evoluir. Os professores muitas vezes pensam que incluir alunos com necessidades especiais em sala de aula de ensino regular torna-se difícil a inclusão, pois é impossível lidar com uma sala onde aluno que é diferente precisa de mais atenção, que os alunos ditos “normais” não sabem lidar com o diferente. E para a maioria dos profissionais de educação é difícil a aceitação e de entender sobre a inclusão social, e para essa resistência é aceitável, pois o modelo pedagógico de nossas escolas é ainda muito conservador.

De acordo com Mantoam:

O apoio aos professores é muito importante nesses momentos, para que o problema seja encarado na sua devida dimensão e para que se desmistifique a crença de que são os conhecimentos referentes à conceituação, tipologia das deficiências e outros temas correlatos que lhes trarão alívio e competência para ensinar a todos os alunos de uma mesma turma. Essa ajuda deve vir de outros colegas mais experientes e mesmo de pessoas que compõem o grupo de trabalho pedagógico das escolas: diretor, especialistas, mas a orientação do suporte técnico deverá recair sobre as situações práticas de ensino apontadas pelo professor e consistirá de discussões e de questionamentos sobre sua atuação em sala de aula, sempre buscando diminuir as inquietações e a acalmar o professor, para que ele não perca as reais proporções do caso que está sendo analisado. (MANTOAN, Maria Teresa Eglér, 2001, p.2)

De acordo com a autora, se os professores não obtiverem a ajuda de outros profissionais que os apoiam em situações de ensino a inclusão de alunos com necessidade especiais, o processo de aprendizagem desses alunos realmente deixará a desejar, pois os conhecimentos que serão adquiridos pelos outros alunos, não serão os mesmos para os outros que precisam de apoio. Esse professor que tiver dificuldade em lidar com essa situação de inclusão precisará adquirir conhecimento em buscar formação continuada, para resolver as inquietações e ter um olhar diferente sobre inclusão. Para Mantoan (2001, p.8). “Uma proposta inclusiva envolve, portanto, uma escola que se identifica com princípios educacionais humanistas e cujos professores têm um perfil que é compatível com

esses princípios e com uma formação que não se esgota na sua graduação e/ou nos cursos de pós-graduação em que se diplomou”.

Para a autora, se a escola que tem um olhar mais humano e os professores tiver um perfil, essa escola será exemplo de educação inclusiva, pois os conhecimentos adquiridos vão além da sala de aula, o papel do professor é ter uma visão do aluno que está sendo incluindo em sua sala e preparar os outros alunos para receber aquele aluno com necessidades especiais, e poder ajuda-lo na continuação de formação tanto pessoal como profissional. De acordo com Mantoan:

A formação continuada desses profissionais é antes de tudo uma auto-formação, pois acontece no interior das escolas e a partir do que eles estão buscando para aprimorar suas práticas. Estudam e trocam experiências de trabalho e vão atualizando seus conhecimentos, dirimindo dúvidas, esclarecendo situações e, cooperativa e coletivamente, delineando teorias próprias para explicar o modo como ensinam e as crianças aprendem. Quanto à formação inicial de professores, a inclusão de alunos com deficiência na escola regular é, no momento, um grande motivo para que as escolas de nível médio e superior remodelem seus currículos. (MANTOAN, Maria Teresa Eglér, 2001, p.8)

De acordo com a autora, para que aconteça mesmo a inclusão escolar, é necessário reestruturar a escola e preparar os profissionais de educação, adquirir novos modelos. Portanto, o professor que trabalha com alunos com necessidades especiais tem que pensar que o ensino a aprendizagem desses alunos são lentos e sempre que for possível, deve ajuda-lo e estimular para que esse aluno possa olhar para si próprio e dizer que é capaz de fazer, o professor e a escola tem um papel significativo na vida desses alunos.

Portanto, a inclusão de alunos com necessidades especiais nas escolas de ensino regular é um caminho fundamental na vida da família e desses alunos, pois nesse novo século, com mudanças tecnológicas estão acontecendo, espera-se da escola a integração, por ser diferente não é motivo de ser incapaz de realizar algo em suas vidas, os professores e as famílias precisam trabalhar juntos para a aprendizagem desses alunos garantindo seus direitos de cidadãos, e mudar a visão de uma sociedade que ainda hoje é muito preconceituosa não só com os portadores de necessidades especiais, mais com tudo que é diferente.

Proporcionar o desenvolvimento e estimular o aluno é papel da escola, quando mais cedo os portadores de necessidades especiais estiverem nas escolas para socialização e aprendizagem mais cedo à aprendizagem será concreta e os alunos ditos “normais” aprenderam a conviver com as diferenças. A escola tem um papel fundamental de formação, na qual o seu dever é de ensinar e dirigir no desenvolvimento dos alunos. Sendo assim, cabe ao professor ser mediador do educando e a escola precisa ser de inclusão para todos os sentidos, pois não é somente para os portadores de necessidades especiais, mas sim para todos.

2. SÍNDROME DE DOWN

A Síndrome de Dow é uma anomalia causada pela existência de um cromossomo 21 que é encontrado em uma célula, contendo uma ou mais em cada pessoa. Portanto é comum entre os recém - nascidos.

Para Martins (2001, p.16) “[...] É considerada a patologia mais frequente, associada à deficiência intelectual, sendo responsável por cerca de 18% a 20% dos casos de déficits intelectuais existentes”.

A Síndrome de Down está agregada a deficiência intelectual, por haver excesso de material genético do cromossomo a mais no par 21, assim trazendo para a criança limitações no intelectual.

Segundo Martins (2011, p.27), “A deficiência intelectual não se constitui em um grupo homogêneo, mas em um complexo conjunto de síndromes [...], decorrentes de fatores pré-natais (genéticos e congênitos), perinatais e pós-natais”.

Conforme diz o autor, esses fatores pré – natais são aqueles que ocorrem na concepção até ao início do trabalho de parto. As crianças com Síndrome de Down apresentam limitações, são lentas e demoram muito tempo para atingir a maturidade e desenvolver-se na linguagem e no aprendizado do que outras pessoas. Elas podem desenvolver outras habilidades dentro de suas limitações.

Segundo Voivodic, (2008, p. 46): “é necessário, porém, romper com determinismo genético e considerar que o desenvolvimento da pessoa com síndrome de Down resulta não só de fatores biológicos, mas também das importantes interações com o meio”.

Para compreender como há alteração ou falha genética no cromossomo 21, é importante estudar para conhecer cada célula humana possui, pois em seu núcleo de 46 cromossomos se distribui em 23 pares, sendo que 22 são idênticos quanto para o homem quanto para a mulher é numerado do 1 ao 22, e obedecem uma ordem decrescente e em relação ao seu tamanho e são chamados de cromossomos autossômicos. Assim, os restantes dos cromossomos são os sexuais, que são reconhecidos pelas letras X e Y, sendo que para mulher é XX e para o homem XY.

Assim, a criança ao ser concebida recebe 23 pares de cromossomos do pai e 23 pares da mãe que transportam o material genético que darão forma as características orgânicas, físicas, intelectuais e emocionais. Segundo Stratifort (1997):

Muito foi escrito sobre a idade materna e Síndrome de Down, mas muito também se configura como folclore. Devo dizer inicialmente que a maioria das crianças com Síndrome de Down nascem de mães com idades entre dezenove e vinte e seis anos”. Porém considera-se que as mulheres com mais de 40 anos tem tendência a ter filho com anomalias cromossômicas, mas nesta faixa etária, as possibilidades de acontecer uma gestação, já são mais limitadas.(Stratifort 1997, p.73)

Assim, cerca de 80% das crianças com Síndrome de Down nascem das mulheres com menos de 35 anos, mas os maiores acontecimentos da Síndrome de Down são em mulheres mais velhas. Em cada 400 bebês nascidos de mães como idade a mais de 35 anos, um bebê tem Síndrome de Down.

Crianças com Síndrome de Down têm características físicas bem peculiares como exemplo os cabelos são finos e hipopigmentados os lábios mais finos, abertura das pálpebras e a prega das pálpebras no canto dos olhos, pregas únicas nas palmas das mãos entre outras. Até aos cinco anos as crianças com Síndrome de Down o cérebro encontra-se similar ao de crianças normais, apresenta somente alterações de peso, que nessas crianças encontra-se inferior a faixa de normalidade que devido a uma desaceleração do crescimento encefálico por volta dos três meses de idade, pois essa desaceleração é encontrada de forma mais acentuada em meninas onde também se percebe alterações gastrintestinais em cardíacas. Schwartzman (1999 p. 47) relata que: “há algumas evidências de que durante o último trimestre de gestação existe uma lentificação no processo da neurogênese. Apesar da afirmação as alterações de crescimentos e estruturação das redes neurais após o nascimento são mais evidentes e estas se acentuam com o passar do tempo”. A Síndrome de Down é frequente, estima-se que nascem no Brasil cerca de 8 mil crianças, que existem entre crianças e adultos mais de 100 mil com Síndromes de Down.

Down é o Sobrenome do médico John Langdon Down, que descreveu essa Síndrome por volta de 1866. Hoje me dia muitas pessoas com Síndrome de Down tem muitos avanços impressionantes e vencido barreiras. Em todo o mundo e

principalmente no Brasil há pessoas com Síndrome de Down trabalhando, estudando, formadas em áreas como pedagogia e música, vivendo sozinhas e casando-se. A melhor coisa para conter o preconceito é através da inclusão de todas as pessoas, na escola, na família, na comunidade e no mercado de trabalho.

2.1 A Inclusão Escolar do Aluno de Síndrome de Down

A inclusão é a necessidade de entender e reconhecer o outro, e assim, ter o privilégio de compartilhar e conviver com pessoas diferentes. A educação inclusiva acolhe todos, sem exceção, além da possibilidade de interação com o outro.

Educação Inclusiva se entende como processo de inclusão dos deficientes ou com dificuldades de aprendizagem no ensino regular em todas as séries. Portanto, a educação inclusiva busca evitar afastar e discriminar, colocando o deficiente em atendimento na escola regular, assim, atendendo suas necessidades.

A inter-relação, convivência e contato com as outras crianças possibilitam às crianças com deficiências, experiências e enriquecimento de experiências como modelos e comportamentos mais adequados, assim garantindo seus desenvolvimentos. Conforme Fonseca (1987):

A integração é o combate mais adequado á institucionalização de deficiência e ao ceticismo e pessimismo educacional. A integração implica sempre um benefício imediato educacional e social para a criança pela integração no sistema educacional. Separar fisicamente escolas normais, de escolas especiais é uma aberração que se deve eliminar. Quando falamos de integração, no fundo queremos dizer interação, isto é, interação entre os deficientes e os não deficientes. Só quando se atingir uma interação constante entre os deficientes e os não deficientes se pode falar numa política de integração. Nenhuma razão humana e científica pode afirmar que a melhor educação dos deficientes passa pela separação dos não deficientes. (FONSECA; 1987, p.16)

As escolas de ensinos regulares devem aumentar suas capacidades, identificarem e integrarem crianças com Síndrome de Down. Enfatiza (Fonseca; 1987, p. 23): “O sistema de ensino tem de dar lugar à qualidade de ensino. Os programas mais integrados e individualizados não são um luxo, são necessidades do movimento de integração”.

Sendo assim, a escola deve defender a inclusão dos alunos portadores de Síndrome de Down e integra-los nesse ideal não como opção, mas sim como única saída para valer seus direitos constitucionais de todos os cidadãos e contra a exclusão. Cada indivíduo é único e diferente e por isso essas diferenciações se manifestam conforme suas aprendizagens e experiências.

As escolas devem oportunizar para desenvolver habilidades dos educandos que apresentam dificuldades de aprendizagem. Segundo Vygotsky (1994):

Portanto se alguém aprende a fazer bem uma única coisa, também será capaz de fazer bem outras coisas sem nenhuma relação, como resultado de alguma conexão secreta. Assume-se que as capacidades mentais funcionam 84 independentes do material com que elas operam, e que o desenvolvimento de uma capacidade promove o desenvolvimento de outras. (Vygotsky, 1994, p.107)

Não podemos inserir as crianças nas escolas de ensinos regulares sem um acompanhamento, pois as crianças não têm preconceitos. Portanto, as escolas mostrarem que as sociedades são formadas por pessoas diferentes, as crianças acabam se tornando cidadãos mais conscientes.

A inclusão deve ser através de projetos coletivos, onde as escolas devem repensar em suas práticas e das relações dialógicas envolvendo os professores, comunidade e família.

Sendo assim, a presença das diferenças em salas de aulas enriquece os conhecimentos dos outros alunos e dos educadores, possibilitando a troca de experiências, permitindo ao portador de Síndrome de Down que o seu desenvolvimento seja mais significativo e adequado. O professor é o mediador, ponte e não fonte dos processos de aprendizagem é parte fundamental na vida dos alunos, diante de todo esse problema de inclusão, percebemos o qual é importante o atendimento especializado para as crianças com Síndrome de Down, pois é através das educações significativas que estas crianças irão superar as dificuldades. O empenho não só dos professores mais a família tem o papel fundamental na vida dessas crianças, pois os pais representam o primeiro passo para a inclusão, sem esse apoio não há autoestima e os obstáculos podem parecer maiores. É necessário que pais e professores empenham-se para realizar um trabalho que atenda as reais necessidades dos alunos. A educação inclusiva vem fortalecendo dentro da escola de ensino regular que está pensando em melhorias. A prática para inclusão não tem caminho pronto, ela ocorre na desconstrução das práticas da exclusão. Portanto, a inclusão humana é uma ação e necessita de humanização de toda sociedade para sua efetivação.

CONCLUSÃO

Considerando-se que no mundo atual, onde novos momentos surgem diante da tecnologia presentes na sociedade atual, nosso trabalho é conscientizar e analisar as dificuldades que os professores encontram ao lidar com as diferenças, Entendemos que não é somente a escola que deve submeter o papel da inclusão, mas também é da sociedade que ainda preconceituosa, precisa ter um olhar mais humano perante as diferenças.

Compreendemos assim que o papel da escola e família é muito importante na conscientização das crianças perante as diferenças de raças, crenças, deficiências etc. Buscamos através desse trabalho, proporcionar uma melhor compreensão da inclusão social.

Acreditamos nas simples mudanças nas atitudes dos profissionais de educação, da sociedade, das crianças e famílias perante aos portadores de Síndrome de Down para uma construção de uma sociedade diferente sem preconceitos, para contribuirmos na melhoria como cidadãos a fim de promover um ambiente mais favorável aos que precisam de ajuda, tornando as pessoas mais conscientes, pois o preconceito pode ser mudado, basta um olhar mais humano, uma ajuda que fará toda diferença.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Salete Fábio. **Inclusão social e municipalização**. In: Novas Diretrizes da Educação Especial. São Paulo: Secretaria Estadual de Educação, 2001.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. **Fundamentos em educação inclusiva**. Natal: Editora UFRN, 2011.

FONSECA, Vitor Da. **Educação Especial**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

STRATFORD, Brian. **Crescendo com a Síndrome de Down**. Tradução: Lucia Helena Reilly; Revisão: Viviane Veras; Revisão técnica: A. Fernando Ribeiro, Ulysses Moraes de Oliveira. Brasília: Corde, 1997.

SCHWARTZAN, J. S. **Síndrome de Down**. São Paulo: Mackenzie, 1999.

VOIVODIC, Maria Antonieta M. A. **Inclusão escolar de crianças com síndrome de Down**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008..

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente: o desenvolvimento os processos psicológicos superiores**. 5. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ANEXOS



Figura 1: Dia da Síndrome de Down expõe fragilidades da inclusão.

Fonte: <<https://www.diariodoscamos.com.br/noticia/dia-da-sindrome-de-down-expoe-fragilidades-da-inclusao>> Acesso em 28 de Junho de 2020



Figura 2: Síndrome de Down: Avanços e Desafios

Fonte: <<https://quemcoruja.com.br/sindrome-down-avancos-desafios/>> Acesso em 28 de Junho de 2020.



Figura 3: Inclusão de alunos com síndrome de Down no ensino fundamental
Fonte: <<http://www.movimentodown.org.br/educacao/inclusao-de-alunos-com-sindrome-de-down-no-ensino-fundamental/>> Acesso em: 28 de Junho de 2020



Figura 4: Crianças com síndrome de Down obtêm resultados positivos nas escolas municipais.

Fonte: <<http://associacaonovorumo.com.br/2016/10/24/o-privilegio-de-crescer-em-um-ambiente-inclusivo/>> Acesso em: 28 de Junho de 2020



Figura 5: O privilégio de crescer em um ambiente inclusivo

Fonte: <<http://associacaonovorumo.com.br/2016/10/24/o-privilegio-de-crescer-em-um-ambiente-inclusivo/>> Acesso em 28 de Junho de 2020.



Figura 6: Crianças com Down têm vagas negadas em escolas no Brasil

Fonte: <<http://circuitomt.com.br/editorias/brasil/72924-criancas-com-down-tem-vagas-negadas-em-escolas-no-brasil.html>> Acesso em 28 de Junho de 2020.



Figura 7: Inclusão Escolar: Conviver com as Diferenças faz Bem.

Fonte: <<https://criancaespecial.com.br/inclusao-escolar-conviver-com-as-diferencas-faz-bem/>> Acesso em: 28 de Junho de 2020.